

A NOVA REPÚBLICA SEM TANCREDO



No discurso da madrugada de ontem, Sarney deu as principais pistas de como será o seu Governo. Nesta página a equipe do CORREIO analisa trechos do pronunciamento. São os conceitos de Sarney sobre esperança, pátria, diplomacia, direitos humanos, Assembléia Constituinte, Governo, mulher e economia.

1

Tancredo Neves disse: "A esperança é o único patrimônio dos deserdados e ela faz ressurgir as nações de seus desastres históricos". E disse mais: "Em matéria de sofrimento, privações e injustiça suportadas com resignação poucos povos se igualam aos brasileiros".

Peça para a história

É impossível evitar as comparações, fugir das analogias. Tancredo morreu no dia 21 de abril, véspera do descobrimento do Brasil, depois de escapar da morte por várias vezes, inclusive na Semana Santa. Véspera do descobrimento do Brasil. Enquanto o cortejo percorria o Elxão, as naves portuguesas avistavam o monte Pascoal. O descobrimento depois da morte, ou a ressurreição depois do longo calvário. Não há dúvida de que estamos diante de um símbolo novo, de um novo signo da esperança, essa nossa velha conhecida.

O discurso do presidente Sarney ao falar de esperança, lembrando palavras de Tancredo, é uma peça livre para entrar na História. Ele é, em seu conjunto, uma mensagem de esperança para os brasileiros. Sarney soube reafirmar os ideais pregados por Tancredo Neves em comícios e entrevistas com rara competência. O discurso não é vazio, mero repositório de chavões de ocasião, mas um trabalho construído com emoção e objetividade. O País dormiu um pouco menos triste depois de ouvi-lo.

Tem razão Sarney ao lembrar dois trechos de discursos de Tancredo. A esperança, para todos nós, foi a única força possível nos momentos mais violentos e truculentos do velho regime instaurado em 64. Não era propriamente fácil ter esperança diante do quadro pintado por uma elite irresponsável e incompetente na escolha dos pincéis e das tintas. Se a classe média sofreu, imaginem os que não têm nada e não tiveram sequer o prazer de lutar, por exemplo, contra a censura. Sim, o prazer, pois a grande maioria do nosso povo jamais soube o que é censura pelo simples fato de não ter acesso a informações perturbadoras para a censura. Não havia o censurável e, portanto, a censura.

Os sofrimentos, humilhações, privações e injustiças também estiveram diariamente em nosso prato desde que os portugueses iniciaram o calvário dos índios. Trocamos de "dono" várias vezes, e sempre das maneiras as mais grotescas e humilhantes. Culpa apenas dos eternos grupos multinacionais? Nada disso. A nossa elite pátria é considerada pelos historiadores sérios como uma das mais cruéis e egoístas (se é que egoísmo pode ser fator determinante em história) de todos os tempos. Não é preciso uma tese para provar isso. Basta abrir o jornal.

A disposição de Sarney em levar adiante os propósitos de Tancredo parecem reais. Seus amigos mais íntimos, e mesmo antigos inimigos, notam nele um crescimento político muito grande, como se o destino tivesse lhe pregado uma peça com ares de fábula. São muitos os homens que crescem nos momentos de perigo, quando vêem não existir mais um confortável cordão umbilical ligando-o à fantasia. E Sarney está diante do perigo, do desafio. O que o povo brasileiro deseja é que ele não tenha medo e vá em frente, com esperança.

CLAUDIO LYSIAS
Editor de Pauta

2

"Saberei ser o responsável pelo Estado, pela Nação e pela história da Pátria, saberei ser o comandante supremo das Forças Armadas, patrióticas, mantedoras da ordem e das instituições, bem como o condutor firme das nossas sofridas forças políticas, a que me orgulho de pertencer".

República não morreu

Destacando, no mesmo nível, as Forças Armadas e as forças políticas, Sarney já traçou um quadro do que poderá ser o seu Governo. Só assim ele conseguirá expressar os ideais da Nova República, criada por Tancredo Neves.

Numa sociedade civilizada, forças distintas se equilibram e se respeitam, formando um conjunto. Sarney demonstra, nos seus primeiros passos como presidente, ter consciência dessa necessidade de compor o Governo a partir da participação de todos.

Já não temos Tancredo Neves, mas possuímos um presidente que se orgulha de ser político. Nessa condição, tem compromissos com a opinião pública, porque só conta com uma força: a do voto. Esta é a diferença fundamental entre um homem como José Sarney e um administrador como João Figueiredo. De Sarney nunca ouviremos dizer: "Quero que me esqueçam".

O novo presidente teve mais de um mês para amadurecer seus conceitos. A enfermidade de Tancredo Neves, ao mesmo tempo que amargurava todos nós, permitia ao seu substituto meditar sobre o futuro do País e sobre a necessidade de recair nos seus ombros o comando de uma nação sedenta de participação.

Sarney não esconde o seu constrangimento diante de tudo que aconteceu nos últimos dias. Sabe que a adaptação da equipe de Tancredo ao seu estilo de trabalho será lenta e dolorosa. Mas promete zelar pela visão histórica da Pátria.

Quem acompanhou ontem, em Brasília e São Paulo, o cortejo fúnebre, sabe que essa perspectiva histórica certamente passa pela ampliação do poder das massas, que gritavam nas ruas: "A luta continua". Essa luta agora é pela mudança de leis superadas pelos fatos. É uma batalha pela valorização do ser humano. É um sentimento comum de respeito aos direitos individuais.

Todos acreditam que a presença de um político no Palácio do Planalto — mesmo que não seja Tancredo Neves — possibilitará à Nação atingir esses objetivos. A Nova República não morreu no Hospital das Clínicas.

RENATO RIELLA
Chefe de Reportagem

3

"No setor externo, a palestra do Brasil será independente e firme".

Diplomacia vai mudar

As palavras do presidente José Sarney referentes à política externa brasileira, apesar de resumidas em duas linhas, refletem especialmente o espírito de continuidade que Tancredo Neves pregou durante sua trajetória a caminho do Palácio do Planalto. O chanceler Olavo Setúbal já reafirmou em várias ocasiões que não mudará a diplomacia do Brasil. E isto pode ser entendido como a manutenção dos princípios básicos que norteiam a nossa política externa: não-intervenção, autodeterminação dos povos, condenação ao uso da força ou da ameaça de seu emprego nas relações internacionais, solução pacífica das controvérsias, fidelidade aos tratados, rejeição à hegemonia. Quando Sarney diz que a "palavra do Brasil será independente e firme" parece estar se referindo ao que Tancredo Neves definiu, quando ainda era primeiro-ministro, como sendo uma política livre de pressões e no interesse da soberania nacional. Entretanto, não há dúvidas de que haverá uma mudança de enfoque. A tendência tem sido a nova chancelaria dar mais ênfase nas relações com a América Latina, especialmente com a América do Sul, seguida das relações com a Europa e os Estados Unidos. Essa posição poderá ser mantida, ou alterada, de acordo com o desenvolvimento da atuação do Congresso Nacional nos assuntos da política externa. E isso é o que veremos quando as atividades parlamentares mostrarem-se em atividade plena.

ROMÁRIO SCHETTINO
Editor de Internacional

Sarney mostrou no discurso como vai ser o seu Governo

8	Combateremos, sem tréguas, a inflação, que corrói a economia e destrói os salários, levando fome e desespero aos lares de nossos irmãos. Lutaremos pelo fortalecimento da iniciativa privada, criativa e competitiva, mas vigilantes contra os especuladores e os excessos do poder econômico.
4	Os direitos humanos são sagrados. Lutaremos contra a violência, pela segurança dos cidadãos e contra a desordem e a anarquia. Implantaremos a reforma agrária, para instaurar a justiça no campo.
3	No setor externo, a palavra do Brasil será independente e firme.
5	A nossa tolerância terá o limite da sobrevivência digna dos trabalhadores e da empresa nacional, da retomada do desenvolvimento e do nível de emprego. Vamos constituir a democracia, capaz de liberar as energias criadoras da juventude e assegurar a liberdade política. O objetivo maior do nosso projeto nós o atingiremos com a realização da Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, aspiração legítima de toda a sociedade.
7	Este é um momento de dor, que compartilho com todos os brasileiros. Compartilho com a família Tancredo Neves, simbolizada nessa dama extraordinária, Risoleta Neves, cuja dignidade no sofrimento é comvente exemplo de fé e das virtudes da mulher brasileira.
6	A memória de Tancredo Neves será nossa convergência, nossa inspiração, a vela acesa na escuridão de nossas tristezas. Ela nos manterá unidos: não nos dispersaremos. Juntos, tornaremos realidade os ideais do nosso grande inspirador.
1	Tancredo Neves disse: "A esperança é o único patrimônio dos deserdados e ela faz ressurgir as nações dos seus desastres históricos". E disse mais: "Em matéria de sofrimento, privações e injustiças suportadas com resignação, poucos povos se igualam aos brasileiros".
6	Quis o destino que Tancredo Neves fosse, ele próprio e por sua morte, causa de mais um sofrimento, símbolo de mais uma privação. Estou certo que a todas essas dificuldades o País vencerá. Nossa luta tão grande, tão forte e tão bela será fecundada pelas nossas lágrimas. A ressurreição de Tancredo Neves virá na construção da Nova República, seu idealismo, seu símbolo.
6	Deus nos ajude a todos, nos ampare e nos console, nesta comunhão de sacrifícios e esperanças. Humildemente, só vos posso oferecer, neste instante, determinação, coragem e trabalho. Com dignidade, honra e responsabilidade.
4	Os direitos humanos são sagrados, lutaremos contra a violência, pela segurança dos cidadãos e contra a desordem e a anarquia".
5	"O objetivo maior do nosso projeto nós o atingiremos com a realização da Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, aspiração legítima de toda a sociedade".
6	Deus nos ajude a todos, nos ampare e nos console, nesta comunhão de sacrifícios e esperanças. Lutaremos pelo fortalecimento da iniciativa privada, criativa e competitiva, mas vigilantes contra os especuladores e os excessos do poder econômico".
4	Os direitos humanos são sagrados — afirmou Sarney no discurso em que anunciou ao Brasil a morte de Tancredo Neves. Um compromisso que, respeitado ao pé da letra, fará com que o brasileiro guarde apenas na lembrança — triste lembrança —, e não mais na carne, aos anos negros da repressão, nossa recente idade das trevas.
5	O respeito aos direitos humanos é mais um legado de Tancredo: "A esperança é o patrimônio dos deserdados" — dizia ele. E respeito aos direitos humanos inclui não só o respeito à liberdade de pensamento, ideológica, religiosa, como também o combate sistemático à fome, à doença, ao analfabetismo. Antes de tudo, observar o direito mais inalienável do ser humano: o direito à vida.
4	Observar o aspecto sagrado dos direitos humanos é mais que uma promessa, mais que uma seqüência estéril de palavras. Mesmo no tempo do autoritarismo, quando um simples policial de rua tinha poder quase de vida e morte sobre o cidadão comum, os poderosos de ocasião anunciavam ao mundo que os direitos do homem eram respeitados no Brasil. Não eram. E não serão enquanto a polícia não for reaparelhada em máquinas e homens para entrar na cadência da Nova República inaugurada por Tancredo, à qual Sarney jura dar continuidade. Não serão, enquanto não for implantada no imenso território nacional uma reforma agrária de fato, que dê aos que trabalham na terra direito aos benefícios dela provenientes. Não serão, enquanto o poder de compra dos salários for inferior ao desgaste da inflação. Não serão, enfim, enquanto os DIREITOS DO HOMEM continuarem a ser escritos em letras minúsculas.
4	Sob o peso de um fardo que não desejou, como afirmou em seu discurso, Sarney assume de fato a Presidência da República de um País generoso para com seus filhos mas que, até Tancredo Neves, tinha suas riquezas naturais manipuladas por pessoas preocupadas apenas com o lucro pessoal em detrimento da imensa maioria do nosso povo. E isso Sarney promete corrigir. E, para tão nobre tarefa, a melhor ferramenta é o respeito aos direitos do homem. Vamos dar-lhe um crédito de confiança.

JOÃO BATISTA DE ABREU
Editor de Nacional

LUIZ ADOLFO PINHEIRO
Repórter Especial

6

"A vida de Tancredo Neves foi um exercício de diálogo e conciliação. Seguiremos seu exemplo. Realizaremos um Governo de concórdia, mudanças, trabalho, moralidade e austeridade. Implacável contra a corrupção (...). Deus nos ajude a todos, nos ampare e nos console, nesta comunhão de sacrifícios e esperanças. Humildemente, só vos posso oferecer, neste instante, determinação, coragem e trabalho. Com dignidade, honra e responsabilidade".

Chega de escândalos

Diálogo e conciliação serão indispensáveis na Nova República sem Tancredo. Para que greves como as dos metalúrgicos do ABC e a dos metroviários do Rio não se eternizem. "Seguiremos seu exemplo", diz Sarney. O exemplo foi dado por Tancredo, sugerido pouco depois da eleição pelo Colégio Eleitoral: o pacto social, arranjo necessário para o País dar um tempo ao Governo, enquanto este trabalha.

Um Governo de concórdia, mudanças, trabalho, moralidade e austeridade, além de implacável contra a corrupção, significa uma dieta de perder peso, atacando o excesso de peso de uma máquina governamental balofa, preguiçosa, viciada na inoperância. Quer dizer um trabalho de eficiência administrativa, em favor da população dos contribuintes, com saldo médio ou não.

A receita de Sarney, levada ao fogo, transformará o feijão com arroz dos escândalos denunciados recentemente em amargos gostos do passado, e ninguém tem mais estômago para isso. Não há mais estômago para a Coroa-Brastel, para a Sunamam, para o escândalo da mandioca, para o Subsilheiro-Habitasul, para o Brasilinvest.

Sarney oferece determinação, coragem e trabalho. Mãos à obra, Sarney. Há quem imagine o contrário, mas a sua receita é infalível se traduzida em ações energéticas. Em ações punitivas e fiscalizadoras, sem rodeios.

Brizola, na campanha de 82, usou uma das melhores imagens: "Vamos lavar o Rio de Janeiro com água e sabão", dizia ele. Não conseguiu até agora. Pois bem: Sarney precisará de muita água e sabão para limpar o Brasil dos detritos acumulados por 21 anos de autoritarismo, sem falar naqueles deixados por outros ditadores.

"Deus nos ajude a todos, nos ampare e nos console, nesta comunhão de sacrifícios e esperanças", pede Sarney. Deus levou Tancredo para sempre, mas deixou a esperança. Esperança de que, a cada sinal de trânsito, não precisemos mais passar pela angústia do assédio de um pedinte, de um mendigo.

GUILHERME SOARES
Editor de Texto

7

"Este é um momento de dor, que compartilho com todos os brasileiros. Compartilho com a família Tancredo Neves, simbolizada nessa dama extraordinária, Risoleta Neves, cuja dignidade no sofrimento é comvente exemplo de fé e das virtudes da mulher brasileira".

Risoleta, um símbolo

As mulheres, mesmo que de leve, receberam, no discurso, uma homenagem. O presidente compartilha da dor da família Neves, "simbolizada nesta dama extraordinária, Risoleta Neves, cuja dignidade no sofrimento é comvente exemplo de fé e das virtudes da mulher brasileira". Se a palavra dama parece ter sido retirada de um baú, em compensação, o Presidente toma Dona Risoleta como símbolo da mulher brasileira. Se, antes, a esposa de Tancredo Neves cultivava imagem de dona-de-casa submissa, durante a enfermidade do marido, mostrou-se forte e corajosa.

Há, porém, no discurso, imagens de grande pobreza literária. A mais desgastada é, sem dúvida, a que diz: "Nossa luta tão grande, tão forte e tão bela será fecundada pelas nossas lágrimas".

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Repórter Especial

8

"Combateremos, sem tréguas, a inflação, que corrói a economia e destrói os salários, levando fome e desespero aos lares de nossos irmãos. Lutaremos pelo fortalecimento da iniciativa privada, criativa e competitiva, mas vigilantes contra os especuladores e os excessos do poder econômico".

No rumo de Dornelles

A ortodoxia demonstrada por Tancredo Neves como diretor do Banco do Brasil, primeiro-ministro e governador de Estado, tinha como postulado, no combate à inflação, o preparo de um orçamento equilibrado. Receita e despesa encostando uma na outra. Exatamente o que não se vê há mais de 18 anos, sob os mais diversos disfarces, embutidos em geral no chamado orçamento monetário.

O executor do programa antiinflacionário do presidente, o ministro da Fazenda Francisco Dornelles, partiu desse princípio secular, deu início a um processo de unificação dos orçamentos públicos — o balancete dos gastos de março, apresentado em entrevista coletiva, aponta nesse sentido — e está revendo o orçamento fiscal já enviado ao Congresso. Esse reexame comprovará precisamente que, apesar do excedente de receita, a despesa fica muito acima do que afirmava o governo Figueiredo, no projeto de lei orçamentária enviada ao Congresso em agosto passado.

Quando mais uma vez coloca o combate à inflação como sua principal prioridade, o presidente José Sarney pode estar traçando esse rumo, sem dúvida o rumo de Dornelles. Mas é bastante fácil encontrar — na Esplanada dos Ministérios mesmo — quem defenda outros caminhos. Se os cortes determinados por Tancredo ou o aumento de impostos tentos como alternativas trazem sacrifícios, pode-se vestir atenuados com medidas menos ortodoxas, ainda que mais lentas ao pressionar a inflação. E perfeitamente lícito duvidar de que uma alteração como essa se compatibilize com a permanência de Dornelles.

Qual das saídas se coaduna mais com o outro compromisso econômico assumido por Sarney em seu discurso da madrugada, o fortalecimento da iniciativa privada? Mais uma vez, em termos ortodoxos, será a austeridade expressa em cortes de gastos e aumento de impostos. Da boca para fora, o empresário defende de essa fórmula. Ao agir, porém, demonstra que não prescinde das encomendas públicas e que já considera excessiva a carga tributária. Os assalariados, presumivelmente, estão firmes na mesma posição.

Por isso mesmo é que, no próprio Ministério da Fazenda, não se acredita que, para combater a inflação e ajudar a iniciativa privada, Sarney manterá rigidamente a ortodoxia presente nas primeiras medidas tomadas pelos ministros da área econômica. Parece improvável que se desencadeie um processo inverso, com as medidas sugeridas, por exemplo, pelos economistas do PMDB. Mas dificilmente os compromissos reiterados na madrugada de ontem deixarão de incluir uma atenuação na rigidez ortodoxa em vigor.

EDUARDO BRITO
Editor de Economia